



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de abertura oficial da 40ª Assembleia Nacional da Associação Nacional dos Serviços Municipais de Saneamento (Assemae)

Uberaba-MG, 14 de junho de 2010

Bem, eu queria cumprimentar os nossos queridos companheiros, ministros Marcio e Luiz Dulci,

Os deputados federais Aelton Freitas e Elismar Prado,

O nosso querido companheiro, prefeito da cidade de Uberaba, companheiro Anderson Aduato, ex-ministro dos Transportes, por meio de quem cumprimento todos os prefeitos aqui presentes,

Quero agradecer ao nosso querido companheiro Lourival dos Santos, presidente da Câmara Municipal de Uberaba, e agradecer a todos os vereadores pelo título que me deram,

Quero cumprimentar o senhor Vicente Andreu, presidente da Agência Nacional de Águas,

Quero cumprimentar o Arnaldo Luiz Dutra, presidente da Associação Nacional dos Serviços Municipais de Saneamento Básico,

Quero cumprimentar cada companheiro e companheira aqui presente,

E dizer para vocês que, mais uma vez, eu tenho um discurso aqui, que está razoável, mas eu temo que os oradores que me antecederam já o degustaram aqui e já falaram quase tudo que eu tinha para falar nele, aqui. Esse é o problema de trazer discurso por escrito. Mas, também, não vai precisar muito de discurso, não, porque eu vou ser breve, muito breve, porque vocês estão percebendo, pela cara, que nós estamos cansados.

Primeiro, eu queria dizer para vocês que eu agradeço a Deus todo dia o fato de ser filho de um país em que tem gente que levanta todo dia preocupado



em discutir coisa séria no país, como saneamento básico, e vocês existem para discutir isso e fazem isso durante muito tempo.

E eu sei quantas vezes discutir saneamento básico neste país foi tratado como se fosse uma coisa de terceira importância, de quarta importância. Afinal de contas, eu digo sempre onde eu posso que não era fácil você conseguir convencer um administrador público que ele tinha que enterrar dinheiro colocando manilha embaixo da terra. Não era fácil, não era habitual. E por isso eu disse ao Anderson, quando cheguei aqui, que nós estamos criando uma nova geração de prefeitos, uma nova geração de administradores públicos que começam a levar a sério a preocupação com o saneamento básico.

E falo com a convicção de um presidente que desde que criou o Ministério das Cidades tem brigado, porque vocês sabem que a elaboração de um orçamento num governo, numa prefeitura ou num estado é sempre uma guerra para que a gente crie uma carteira de financiamento de saneamento básico, ou mesmo de dinheiro do Orçamento Geral da União, para que a gente possa ir, num crescendo, até a gente resolver definitivamente o problema do saneamento no Brasil.

Queria dizer aqui, Marcio, frustrado de saber que, há dois anos, a gente aprovou uma lei, que precisava apenas aprovar a regulamentação, e eu, que sou o responsável de fazer o decreto, fico sabendo apenas hoje, porque o pessoal lá de trás reclamou e porque o Aelton falou, que o decreto ainda não foi regulamentado porque tem ministro que ainda não assinou.

É difícil, porque é preciso saber quais as razões que levam uma lei que foi aprovada por unanimidade no Senado e por aclamação na Câmara... teve alguém que não regulamentou isso em três meses, ou quatro meses ou cinco meses, qual foi o problema que teve no Conselho que essa lei não foi regulamentada, quais os interesses que tem detrás disso. Então, portanto, eu queria te dizer uma coisa, Marcio: aquilo que não foi regulamentado em dois



anos será regulamentado na próxima semana, para que a gente possa mudar de discussão.

Às vezes... Eu conto sempre esses casos para vocês saberem que governar, muitas vezes, é mais difícil do que a gente pensa, pelos próprios problemas que nós criamos. Um dia desses, eu ia ter uma Conferência de Ciência e Tecnologia. E um belo dia, faltando dois dias para a Conferência de Ciência e Tecnologia, o ministro Sergio Rezende me procura e fala: “Presidente, pelo amor de Deus, Presidente. Eu já mandei para tal ministério a criação do Instituto da Mata Atlântica, a criação do Instituto do Pantanal e a criação do Instituto do Cerrado, do Semi-Árido nordestino, Presidente, e há nove meses e meio, Presidente, eu espero e isso não sai”. Mas por que não sai? “Não sei, Presidente, ninguém me fala por que não sai, mas não sai”. Aí, eu liguei para uma suposta pessoa, que eu achava que era quem tinha responsabilidade, e eu disse para a pessoa: amanhã eu vou ter a Conferência Nacional de Ciência e Tecnologia. Então, o que você não fez em nove meses e meio faça até amanhã, porque eu quero assinar a criação dos três institutos.

Não tem explicação a gente estar há dois anos sem regulamentar, Marcio, não existe. Se eu procurar uma explicação, eu não encontro. A não ser que alguém não queira que chegue à mesa do Presidente, a não ser que tenha gente que não queira que chegue à mesa do Presidente. Olha, se tem alguém que não quer que chegue à mesa do Presidente, aí sim é que precisa chegar, aí é que precisa chegar à mesa do Presidente, para a gente decidir o que fazer.

Então, eu queria dizer para vocês o seguinte: eu acho, companheiros, que nós, brasileiros, somos devedores da existência de vocês, nós somos devedores. Porque, tem alguém que levanta a cabeça todo dia para dizer: “Olha, é preciso fazer investimento em saneamento básico. Gastar dinheiro em coletar esgoto e tratá-lo é a gente cuidar da saúde de forma preventiva, e não tentar gastar ou cuidar da saúde depois que a desgraça já está feita”. Eu vim aqui hoje, e acho que foi providência de Deus eu ter vindo aqui hoje, porque



senão, quem sabe, eu ia passar mais algumas semanas, talvez eu não esteja na Conferência das Cidades, porque talvez já tenha viajado para a África, e aí eu nem ia ficar sabendo que ainda não foi regulamentado.

Então, é uma coisa que eu coloco como prioridade, porque já morei em casa em que tomávamos banho 17 pessoas em um banheiro, que não tinha descarga, que não tinha papel higiênico, que não tinha chuveiro, que era um balde que a gente enchia d'água para depois dar descarga no banheiro, era outro balde que a gente enchia para tomar banho. E, ali, o poço estava há dez metros do banheiro que a gente fazia as nossas necessidades. Já morei em lugar que dava enchente de 1 metro e meio, de 1 metro, de 40 centímetros, de 30 centímetros. Já vi o que é sanguessuga grudar na perna da gente, já vi o que é rato boiar.

Então, saneamento básico deixou de ser uma coisa para rico, é uma coisa para a sociedade brasileira, independentemente da origem social das pessoas. Não é mais possível que a gente veja essas praias maravilhosas que tem no Brasil, e quando você vai atrás, você descobre cidades que têm coleta, mas não têm tratamento de um quilo de esgoto, ou seja, irresponsabilidade total, histórica, de não tratar de uma coisa que causa doença.

Eu digo sempre, companheiros, que, às vezes, o político, ele estava acostumado a fazer uma ponte porque ele podia colocar o nome da mãe, da avó, da tia, do tio, do vizinho, na ponte: "Ponte Lulinha da Silva. Ponte não sei das quantas". E na manilha não dá para colocar. O administrador não percebeu que não tem glória maior, troféu maior para um prefeito do que ele saber que na cidade dele as pessoas estão tomando água de qualidade, que uma criança pode andar descalça que não vai pisar em esgoto a céu aberto e que, portanto, não vai ficar doente. Graças a Deus, nós temos uma geração que começa a pensar nisso com mais seriedade.

É por isso que eu não tenho medo de dizer que, em oito anos de mandato, nós colocamos mais dinheiro para cuidar de saneamento básico do



que alguns colocaram em 40 anos, 20 anos ou 30 anos. E como a gente está muito atrasado, como a gente está muito atrasado, tudo o que a gente fizer ainda é pouco diante do que a gente tem que correr para tirar o tempo perdido.

Eu, de vez em quando, subo numa favela. Acho que na história do Brasil, desde que Cabral aqui chegou até ontem, não teve nenhum político que subiu na favela 10% do que eu subo, e não me falta um pedaço. E cada vez que eu chego a uma favela, eu tenho dito para os governadores, para os prefeitos: nós precisamos adotar um discurso, Anderson, de reparação. O que nós estamos fazendo é reparação, reparação de administradores irresponsáveis, que permitiram que o povo ocupasse lugares inadequados, na encosta de morro, na beira de rio, ou seja, a pessoa sabia que não podia, mas deixava. E aí não tem ideologia, não, aí é vereador de direita, de esquerda, é vereador do PT, do PCdoB, do PTB, do PMDB, do PSDB, do DEM, do tudo, é partido político, porque todo mundo acha que isso é bonito na época da eleição, agora, quando vem a desgraça e cai uma chuva como aquela de Niterói, que leva duzentas pessoas, ninguém tem responsabilidade por aquilo, ninguém assumiu, ninguém pediu e ninguém deixou.

É preciso, é preciso que a nossa geração seja uma geração mais responsável. É bonito a gente cuidar da cidade? É. Toda cidade tem que estar cuidada, tem que ter jardim, tem que ter pintura no meio-fio – lá em São Paulo, a gente fala de sarjeta. Tudo isso tem que ser feito, mas é preciso não jogar o lixo embaixo do tapete. É preciso levar água potável, é preciso coletar o esgoto e é preciso tratá-lo antes de jogá-lo outra vez nos rios.

Então, eu vim aqui para dizer para vocês o seguinte, olhem: eu peço a Deus que essa nova geração de prefeitos que vai vir, de governadores que vão ser eleitos agora e dos governantes gerais, que tenha a mesma preocupação que nós tivemos nesse período. Não é secundário, não é, eu diria, banal, a gente colocar saneamento básico como uma das prioridades do nosso país.

Agora, é preciso que a gente também diga a verdade: a gente não



tinha... as prefeituras não estavam preparadas sequer para fazer projeto, sequer para fazer projeto as prefeituras estavam preparadas. Eram poucas as prefeituras que estavam preparadas, até porque houve um tempo atrás que tentaram dizer a esta nação que quem tinha que cuidar de tratamento d'água, de coleta de esgoto e tratamento de esgoto era a iniciativa privada, que o Estado não tinha que se meter nisso, porque não sabia fazer. E aí muita gente pensou até em ganhar dinheiro fazendo isso.

O que aconteceu de fato e de concreto? Se o Estado não assume o papel de fazer, as pessoas vão ficando para trás, porque as pessoas só querem fazer investimento onde tem muito retorno, onde tem muito lucro. E, normalmente, quem precisa mais é a parte mais pobre da cidade, que ainda não tem sequer coleta, que não tem absolutamente nada. É um contrassenso. E nós, tanto no PAC 1 quanto no PAC 2, a somatória dá praticamente R\$ 85 bilhões para cuidar de saneamento básico.

E demora, companheiros, demora. Eu acho que num congresso como este, vocês deveriam, dentre as coisas que vocês vão discutir, discutir novos marcos regulatórios para a gente poder facilitar a construção de uma coisas dessas. Tentar discutir porque, muitas vezes, muitas vezes... Eu aprendi uma coisa no governo: não basta ter dinheiro. Não basta. Às vezes tem dinheiro e não se sabe como gastá-lo, às vezes tem dinheiro. As prefeituras pequenas não sabem fazer projeto, não sabem fazer projeto. Então, é preciso ter estrutura para fazer projeto para essas prefeituras menores. Às vezes, as prefeituras pequenas não sabem nem como fazer uma prestação de contas. Então, nós precisamos preparar.

Vocês estão lembrados que nós criamos, na Caixa Econômica, em cada superintendência, um escritório para atender prefeito, para ver se ajuda os prefeitos a fazerem os projetos. Às vezes o prefeito quer o dinheiro, você pergunta: "Tem projeto?". "Não". Passa um ano, você encontra com o prefeito: "Fez o projeto?". "Não". "Por quê?". Porque não tinha ninguém para fazer o



projeto para o prefeito. Além das coisas que, quando tem o projeto, aí tem gente que pede preço demais, aí tem as empresas, que uma processa a outra, aí tem o Tribunal de Contas, aí tem o Ministério Público, aí tem todo mundo, que sempre todo mundo quer meter o dedinho para atrapalhar.

O Brasil é assim. É assim, e nós precisamos mudar, aprendendo com a experiência de vocês. Fizemos uma lei, temos que regulamentar. Agora, é preciso que a gente, também, discuta novas formas de facilitar com [para] que as coisas aconteçam, porque é muito difícil.

Eu vou contar para vocês: eu tenho pena dos prefeitos, sobretudo das cidades menores. Porque um prefeito como o Anderson, com essa pinta dele, chega a Brasília, está cheio de ministro que ele conhece, está cheio de deputado que ele conhece, ele pode chegar e falar até com o Presidente da República, não é isso? Pode até falar. Agora, chega um “capiauzinho”, de uma cidade de 10 mil habitantes ou 15 mil habitantes, primeiro que ele não tem nenhum amigo deputado, não tem nenhum amigo deputado. Segundo, se não tem e vai procurar, o cara fala: “E nas próximas eleições, cadê os meus votinhos? Estão garantidos?” Se ele vai para Brasília sem falar com deputado, ele começa a ficar que nem barata tonta, a correr naquela Esplanada dos Ministérios, em cada ministério ele encontra um sindicalista fazendo protesto. É vero, é, porque Brasília é fantástica. Brasília, no fundo, no fundo, as pessoas pensam que Brasília existe apenas para atender os funcionários públicos que trabalham ali para nós. Então, é todo dia. Eu nunca vi tanto caminhão de som. E, agora, os sindicalistas não têm mais que fazer sacrifício, não. Antigamente, para eu ser ouvido, eu tinha que fazer uma passeata de 30 a 40 mil trabalhadores, xingar todo mundo para ser atendido pelo Ministério do Trabalho. Hoje, eles não conseguem mais juntar gente, eles contratam um cara com uma corneta, para ficar fazendo... parece que está na África, jogando o campeonato mundial. É verdade, Dulci: vai um cara na frente e coloca a faixa, tem o colocador de faixa, vai lá e enche de faixa. Na frente da minha casa está



cheio de faixa, enche de faixa. Aí, vai um outro com uma corneta para, de hora em hora, fazer: “fom, fom, fom, fom”. E, agora, contrataram o do rojão, é o que solta uns três, quatro rojões por dia, lá.

Então, eu acho que o coitado do prefeito que chega a Brasília, ele, às vezes, é atendido por alguém de quarto escalão, quinto escalão, que fala assim: “Pode deixar, Prefeito, que daqui a pouco está resolvido”. Termina o mandato do coitado, ele é reeleito, perde a eleição e fica quase como nosso decreto para regulamentação: demora esse tempo todo que está demorando.

Olhem, eu estou aqui brincando com algumas verdades, porque a melhor forma de você dizer as verdades é brincando, porque se você estiver muito sisudo, você já encontra um outro bicudo aí do lado, que já fica de cara feia e já levanta uma placa, ali, para regulamentar uma lei qualquer que está ali. Olha, eu estou até vendo.

Eu, no fundo, no fundo, queria dizer para vocês o seguinte: eu acho que nós estamos avançando muito no Brasil, eu acho que nós avançamos muito, mas muito mesmo. Eu posso contar para vocês a diferença do meu primeiro mandato para o segundo mandato. É uma coisa extraordinária a qualidade de produção dos ministros e a qualidade de produção dos prefeitos. Os prefeitos, hoje, estão ficando espertos, gente. A gente anuncia: tem dinheiro para drenagem. Nunca se falou em drenagem neste país. Você já ouviu falar quantas vezes em drenagem? Quando nós começamos a falar em drenagem, os prefeitos, agora, já aparecem com um projeto. Os “bichinhos” estão espertos. Depois que nós acabamos com a fila burra e eles sabem que tem dinheiro, podem pegar e fazer também não brincam mais. As pessoas se prepararam e as coisas estão fluindo com muito mais facilidade.

Você veja que o Anderson veio aqui, meu amigo, ex-ministro, me agradeceu, me agradeceu, me agradeceu e, em vez de falar: “Obrigado”, pediu mais um tanto aí. É assim.

E eu quero te dizer, Anderson, que é com muito orgulho, que quando eu



deixar a Presidência, que eu encostar a cabeça no travesseiro, eu dormirei tranquilo, porque nenhum prefeito, independente de qualquer partido a que ele tenha pertencido, jamais deixou de ser atendido pelo governo federal por conta de divergência política. Quando a gente não tem, a gente não tem; mas quando a gente tem, a gente tem.

Eu... Portanto, eu quero agradecer a vocês e dar os parabéns a vocês. Eu me sinto confortável quando eu venho a um ato como esse e os companheiros colocam as verdades boas e ruins, as coisas que foram positivas e as coisas que foram falhas, porque a gente não pode nunca, no governo, correr o risco de ter apenas puxa-sacos dizendo que as coisas estão bem e alguém não alertar a gente de que: “Olha, está bem, mas tem uma pedra ali, no caminho, que se não olhar para baixo vai quebrar o nariz”.

E eu quero que vocês saibam que em se tratando de saneamento básico, eu tenho isso na minha consciência, de que é tão importante quanto a gente fazer um hospital, quanto a gente contratar uma equipe médica ou comprar uma máquina poderosa para fazer exame. É tão importante quanto isso. Eu acho que até mais importante, porque a gente evitaria que essa pessoa ficasse doente por quase nada neste mundo.

Eu, como vim de Pernambuco, eu quando vim de Pernambuco, eu tinha as perninhas dessa grossura, sete anos de idade, e a barriga desse tamanho. Eu não sabia se era lombriga, se era esquistossomose, que diabo que era, mas eu sei que a barriga era desproporcional às canelas, sabe? E eu acho que, naquele tempo, a gente... saneamento básico... Eu vinha, 13 dias tomando água do Rio São Francisco, não tinha... era agachar, pegar e beber... Ainda para fundar o PT, em [19]80, eu peguei um barco para ir a Cametá, no Pará, era num barco, pegando água do rio, bebendo e comendo farinha com frango. Ainda estou com a barriguinha um pouco grande, mas agora já pode ser de outros experimentos e não mais de comer aquela coisa poluída que eu comia.

Olhem, sinceramente, obrigado por vocês existirem, por vocês nos



coberem e por vocês serem praticamente a lanterna do farol da nossa responsabilidade com o saneamento básico. Vocês vão debater cinco dias, aqui. Eu queria dizer para vocês: não tenham preocupação de colocar no papel aquilo que vocês acham que a gente ainda não (falha na gravação) candidatos por aí, alguma coisa nova já pode ser colocada no Orçamento para 2011. Se a gente não fizer agora, vai para o Orçamento de 2011, que só vai ter grana em 2012. Para que perder dois anos, se a gente pode ganhá-los em cinco dias que vocês estão discutindo aqui?

Por isso, meus companheiros, que Deus abençoe vocês. Bom congresso, bom seminário. E até o próximo, se eu for convidado, mesmo sem ser presidente da República. Um abraço.

(\$211A)